

FREGUESIA DE CEPÃES E FAREJA

Município de Fafe

Número de Identificação de Pessoa Coletiva: 510835970

Telefone/Fax: 253592629

PERCURSO PEDONAL ENTRE PONTES E MEMÓRIAS

RECONHECIMENTO DO INTERESSE PARA AS POPULAÇÕES E PARA A
ECONOMIA LOCAL

DECLARAÇÃO DA AUTARQUIA LOCAL

A Junta de Freguesia da U.F. Cepães-Fareja manifesta o seu interesse na concretização de um percurso pedonal que pretende acrescentar valor ao Rio Vizela como elemento estruturante do seu território e potenciador de uma dinâmica ecológica cada vez maior.

O percurso pedonal é por isso um elemento de ligação entre pontes que deixam interagir com o rio, abraçar as suas margens e as memórias que dão vontade de recuperar a essência natural do mesmo, das atividades que permitia e que outrora se perderam.

Breve nota histórica sobre a freguesia de Cepães

Cepães 1008 – 2020, mil e doze anos de história, pois o primeiro documento conhecido, onde se refere Cepães, data do ano de 1008.

Em 1157, Cepães é de novo motivo de registo, uma vez que Pedro Toderigues doa à Sé de Braga o que lhe pertence em diversas igrejas, entre as quais a de S. Mamede de Cepães - ...”Do illam de bona voluntate quantum ibi habeo. De alia ecclesia de Sancto Mamete de Toureli do integram, est mea et de mesos parentes”.

Já em 1258, nova referência a Cepães, agora nas Inquirições de D. Afonso III – “Hic incipit inquisitio Ecclesie Sancti Mametis de Zapaes et omnium parrochianorum ejusdem Ecclesie ipsius loci...”

Como se depreende, Cepães é uma terra com origem muito remota, aparecendo citada ao longo dos séculos pelos mais variados motivos.

Cepães foi Honra e posteriormente concelho, englobando as freguesias de Santa Cristina de Arões e de São Martinho de Fareja, chegando a ter juíz ordinário e dos órfãos.

Segundo a tradição, o concelho de Cepães teria força no Lugar dos Alardos, sendo o tribunal no Lugar do Paço.

A freguesia de Cepães situa-se a sudoeste da cidade de Fafe, a cerca de 4 Km da sede do concelho e a 38,7 Km de Braga, sede do distrito e arquidiocese, província do Minho.

É limitada a norte pelas freguesias de Arões (S. Romão) e Golães; a sul pela extinta freguesia de Fareja; a nascente pelas freguesias de Armil e Fafe e a poente pela freguesia de Arões (Santa Cristina).

Tem uma área aproximada de 3,48 Km², sendo atravessada pelo Rio Vizela, oferecendo-nos nas suas margens uma zona plana, logo tomando lugar a meia encosta, onde se situam alguns outeiros e altos, que proporcionam uma paisagem deslumbrante. Para tal, basta subir à Retortinha e à Carreira, ou, então, na margem direita do Rio, até ao cimo da Gaia.

O habitat é relativamente disperso, se bem que os lugares acabem por ser compactos, isto é, as casas aglutinaram-se à volta dos caminhos e das ruas.

A completar este espaço ficam breves apontamentos sobre as vias de comunicação. Se outrora o comboio servia a freguesia, sendo um importante polo de desenvolvimento, as novas vias e recuperação das antigas, proporcionaram um melhor nível de vida e a expansão da construção civil.

À velhinha estrada municipal que de Fafe nos leva até Fareja e à Estrada Nacional 101, Guimarães – Felgueiras – Amarante, uma outra chegava do Largo do Terreiro a Porinhos, já em Arões (S. Romão), o que permitia uma ligação com a Estrada Nacional 206, Vila do Conde, Famalicão, Guimarães, Fafe, Vila Pouca de Aguiar e Bragança.

Entretanto, uma outra estrada, rasga a montanha e leva-nos até Armil.

Já quanto a caminhos, se outrora não passavam de “quelhas”, agora, são vias estruturantes e meio de acesso a todos os lugares.

Lá no fundo do vale, é o Rio Vizela, com o seu pequeno afluente – o ribeiro da Gaia ou de Santa Cristina, a dar vida à agricultura e a diversas indústrias.

Breve nota histórica sobre a freguesia de Fareja

Esta terra de Fareja, tão aprazível com é, faz supor que foi habitada desde tempos muito remotos. Embora a escassa documentação existente seja pouco clara, pouco afirmativa e inconcludente, aproxima-se todavia da origem do nome da freguesia. Ainda assim, não ultrapassamos o estágio da dúvida e do limite da interpretação dos historiadores.

Etimologicamente, em língua árabe, Fareja quer dizer “prazer. É uma localidade onde dá prazer viver. Todavia, apontam os entendidos que a evolução semântica poderá ter passado pelas seguintes versões: Farega; Faregia; Farecha; Fareija; Farejo; Faraya; Fareia; Fareja.

A documentação mais recuada no tempo, encontrada nas nossas pesquisas, é do ano de 965 (século X). Nela se fez, por escrito, um compromisso de serviço doméstico. Era uma espécie de contrato individual de trabalho daquele tempo.

Depois, há outra documentação onde se afirma que no ano de 960, um senhor de nome Astrulfo, vendeu a outro chamado Zamário e à senhora Fareja, os bens que possuía na vila de São Martinho, “...in villa de Sancto Martino et in Paratelas (será Portela?) in villa Madiana et in villarwe super Sanctum Martinum”. Poderá ter sido o nome de uma pessoa que originou o nome da terra. Pelo que se acaba de ver, já naquele tempo estava consagrada a São Martinho. Também é bom de ver que se D. Fareja se tornou proprietária em 960, não foi ela a fundadora da freguesia.

Uns anos depois, decorria o ano de 1008, houve a doação da igreja de São Martinho de Fareja, ao mosteiro de Guimarães. Outra documentação depois desta data relaciona-se com a venda que algumas pessoas faziam das suas propriedades.

Mais tarde, cerca de século e meio, há mais documentos que assinalam “...igreja de Faregia”.

Nas inquirições de 1220, ao tempo reinava o rei D. Afonso II, o soberano tinha em Fareja (in Sancto Martino de Farecha) oito casais. Já se fala no casal de Roriz (Raariz), no casal da Quinta ou Quintã (Quintana) e no Hospital.

Noutras inquirições ocorridas no ano de 1258, reinado de D. Afonso III, são mencionadas Cavaterra (Cavatoio), e novo Rooriz, agora com nova ortografia, Cruz (Cruce), Oleiros (Olarius) que hoje pertence a Serzedo, e refere ainda o nome de alguns campos.

Passa mais um século e as inquirições que o nosso rei D. Dinis mandou fazer, falam de novo em “...Inquisitio Sancti Martini de Faregia...”, para mais uma vez, e agora em 1290, encontrarmos outra referência à “Freguesia de Sam Martinho”.

Alguns autores, apoiados nas grandes enciclopédias ou outras fontes, afirmam que aqui existiu uma cidade com o nome de Aufrágia (Eufragia, Aufragia), dentro da circunscrição da freguesia de Fareja, e que terá sido destruída pelos persas (a Pérsia é o atual Irão) no ano de 965. Pinho Leal esclarece mesmo que a sua destruição se deve ao esforço do mouro Alcoraxi, que sendo rei de Sevilha veio ao norte da Península e arrasou a cidade, que tinha sido fundada alguns séculos antes de Cristo. Há ainda os que entendem que a referida cidade foi destruída pelos normandos que assolavam a Península na nesta segunda metade do século X.

A freguesia de Fareja pertenceu quase sempre ao concelho de Guimarães. Porém, por força de uma remodelação administrativa, o País foi dividido em províncias, comarcas, e

ajustados os concelhos e freguesias no ano de 1832. Decorriam as lutas liberais entre os adeptos de D. Miguel e de D. Pedro. Poucos anos depois em 1835, o governo fez novo ajuste nas divisões do território. O concelho de Monte Longo incorporou a Honra de Cepães, e os Coutos de Pedraído e de Moreira de Rei. Ficou então constituído o concelho de Fafe, mas Fareja continuava a ser de Guimarães.

A freguesia de Fareja confina com o extremo de três concelhos: Fafe, Guimarães e Felgueiras. A pureza da sua ruralidade, em parte, ao afastamento dos grandes centros urbanos. Hoje as distâncias vencem-se com facilidade graças às boas vias de comunicação, e aos rápidos meios de transporte.

É uma das trinta e seis freguesias do concelho de Fafe, no distrito de Braga até finais de 2012. Os seus limites territoriais confrontam com as freguesias de Cepães, no concelho de Fafe; com Serzedo, Infantas e Calvos do concelho de Guimarães e ainda com Jagueiros do concelho de Felgueiras.

Breve nota histórica sobre a União de Freguesias de Cepães e Fareja

No ano de 2012 foi elaborada a Lei 22/2012 de 30 de maio, que, na sequência dela, pôs fim à autonomia administrativa de muitas freguesias no país, designadamente no concelho de Fafe. Algumas delas foram agrupadas de forma a diminuir o número dessas autarquias locais. Assim, e depois de várias reuniões de uma Comissão eleita para o efeito pela Assembleia Municipal, este órgão deliberou em dezembro de 2012 constituir a União de Freguesias de Cepães e Fareja, posteriormente ratificada pela Lei 11-A/2013 de 28 de janeiro de 2013.

No concelho de Fafe o número de freguesias foi diminuído de 36 para 25, Fareja passou a ficar unida à freguesia de Cepães, desde 28 de janeiro de 2013.

O rio tornou-se fonte inspiradora de artistas, músicos e poetas

Nas memórias paroquias de 1758, o vigário da paróquia, Manoel de Sousa Rangel, adiantava:

“... Este rio não corre mui arrebatado e leva agoa no Agosto e Setembro que mohem dous moinhos a par nesta freguesia, mas de Inverno não se passa senão por pontes e alguns anos não havendo cheas aonde quer se passa de cava llo tendo sabidas de huma e outra parte.

... Este rio tem huma ponte de padieiras, ... tem mais hum arco de pedra para passar gente de pé chamado a Ponte do Pego¹, ... tem mais outra ponte de pao para passar gente de pé e bestas piquenas e carga...”

Assim, a gente laboriosa do campo, tinha a água necessária para o cultivo de milho, do centeio, linho, do milho alvo e de tantas pequenas novidades.

As noras, pela força das vacas galegas, rodavam ao som do travão cantante, elevando os canecos de água para a conduta até à poça², ainda o dia vinha longe. No Riendes, uma imponente roda hidráulica, retirava água para a rega e lima.

Já na indústria, na margem direita do rio, em meados do século passado, a fábrica de tecidos de *M. Almeida e Companhia*, laborava pela força da água do rio, proporcionando dezenas de postos de trabalho.

Sempre o rio, acompanhando gerações, num caminhar incessante, de memórias e recordações, como se regista em quadra popular na ponte do Prego:

*A Ponte do Prego velhinha
Quantas gerações viu passar
E segredos, alma minha
Quantos terias p'ra contar*

José Emídio Martins Lopes

A ponte por onde só passavam “burros” – Ponte dos Moinhos

A essência desta narrativa baseia-se em factos verídicos ocorridos nos primeiros anos do século XX, mas, também, em fantasias criadas ao longo dos tempos.

Pois bem, quase no extremo da freguesia, situavam-se diversos moinhos, sustento de moleiros e apoio à gente que labutava nos campos.

Uma ponte em madeira, tosca e frágil, servia aquele lugar a que o povo denominava de ponte dos “munhos”.*

Sem protecção lateral e com as tábuas do piso irregulares e com falhas, o que permitia “admirar” sob os pés a água corrente, aquela estrutura pedonal pouco mais servia que os utentes dos moinhos e os seus burros de carga.

Que conste, nunca ninguém, pessoa ou animal, passaram por apuros naquela passagem.

Lá no “fim do mundo”** em relação ao centro da aldeia, as acessibilidades não passavam de carreiros e quelhas, pedregosos e esburacados, de difícil mobilidade.

Aqui está o retrato físico da velha ponte dos “munhos”!

Entretanto, alguns factos acabaram por ser motivo de conversas curiosas e de muita brejeirice.

Assim, uma jovem moleira, bonita e trigueira, de cabelos negros e olhos expressivos, circulava naquela ponte com os seus burros de carga, distribuindo farinha pela aldeia ou recolhendo milho, trigo ou centeio para moagem.

Atento, um solteirão abastado, já entradote nos quarenta, pouco generoso nos seus dotes físicos e sociais, via naquela bela moça a companhia perfeita para os seus dias.

Na expectativa de se aproximar da encantadora donzela, voltou-se para a pesca no rio que ao lugar dava vida, procurando, assim, conhecer os hábitos e as rotinas da moleira jovem e airosa.

Então era vê-lo sob a ponte, sempre que as montadas carregavam os sacos, procurando transmitir uma saudação à jovem, enquanto, pelas falhas existentes no piso da velha ponte, tentava descobrir alguns encantos que as longas saias escondiam.

Uma coisa era certa – o candidato à bela moçoila não era fácil de desistir dos seus intentos, acabando por afastar outros candidatos, jovens e galantes, com um desabafo que fez circular pela aldeia, onde se dizia – “na ponte dos “munhos” só passam burros e nada mais!”

Que se saiba, o velho solteirão abastado não conseguiu os seus intentos amorosos, tão pouco também tenha constado que alguma vez algum peixe levasse no bernal.

De nada lhe valeu criar a ideia de que na ponte só passavam burros.

PS – Ao encanto da jovem moleira, bonita e trigueira, de cabelos e olhos expressivos, juntava-se a luxuriante vegetação das margens do Rio Vizela e o chilrear da passarada. Nem este cenário edílico ajudou o velho solteirão!

*Lugar dos Moinhos

** O Lugar dos Moinhos pertenceu a Fareja, daí o desabafo “fim do mundo”.

Em suma, numa terra com um várias associações e entidades motivadas pela riqueza de um rio que agrega e alimenta ligações culturais, económicas e sociais o percurso pedonal entre a Ponte do Prego, a Ponte dos Moinhos, as Memórias onde todo este lugar se alicerça, vem assim justificar a necessidade de devolver à população a capacidade de contemplar e

usufruir de um valor hídrico que tem visto a sua biodiversidade sendo progressivamente reabilitada.

*O rio da minha aldeia
Leva sonhos na corrente
Constrói castelos de areia
Vai cantando alegremente*

*Que límpida a água vai
Nesta manhã de Verão.
Feliz de quem se distrai
Extasiado em sensação*

*Nas noites em que há luar
Revelam lendas antigas
Que no nosso rio ao passar
Enfeitiça as raparigas*

*Com seu brilho cristalino
Ficam meus olhos plangentes
Conheço desde menino
Estas águas transparentes*

J. Salgado Leite, in Memórias de um Rio